



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

NÁGELA SHIRLENE CAMPOS DA COSTA

**DANÇA E INFÂNCIA: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA DANÇA COM
CRIANÇAS NO SISTEMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E
CIDADANIA (SIEC)**

Belém - PA
2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

NÁGELA SHIRLENE CAMPOS DA COSTA

**DANÇA E INFÂNCIA: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA DANÇA COM
CRIANÇAS NO SISTEMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E
CIDADANIA (SIEC)**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA), Instituto de Ciências da Arte (ICA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Dança, orientado pela Prof.^a Dr.^a Simeí Santos Andrade.

Belém - PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

C837d Costa, Nágela Shirlene Campos da
Dança e infância: análise da percepção da dança com crianças
no Sistema Integrado de Educação e Cidadania (SIEC) / Nágela
Shirlene Campos da Costa. -- 2018.

Orientadora: Profª Drª Simeí Santos Andrade.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
Licenciatura em Dança, Belém, 2018.

1. Dança – Estudo e ensino. 2. Dança na educação. 3. Dança –
Educação infantil. 4. Jogos educativos. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.807

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

NÁGELA SHIRLENE CAMPOS DA COSTA

DANÇA E INFÂNCIA: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DA DANÇA COM
CRIANÇAS NO SISTEMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E CIDADANIA
(SIEC)

Esta monografia foi julgada e adequada para obtenção do título de "*Licenciado em dança*", e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará/Instituto de Ciências da Arte/escola de Teatro e Dança.

Data: 19/12/2018

Conceito: Excelente

Banca Examinadora

Simei Santos Andrade
Prof.^a Dr.^a Simei Santos Andrade - Orientadora
(UFPA/ICA/ETDUFPA)

Prof.^a M.Sc. Erika Silva Gomes – Avaliadora
(UFPA/ICA/ETDUFPA)

Belém - PA
2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas, neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Marcela Shirlene G. da Costa

Local e Data: Belém, 19 de Dezembro de 2018.

A minhas mães Sheila e Florilda por sempre se fazerem presente em minha vida, me dando força e apoio nos momentos mais difíceis, e por sempre compartilharem comigo os momentos mais importantes de minha existência. Muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado o dom da vida, por me proporcionar saúde, paz e felicidade a cada amanhecer, pela força e coragem para caminhar sem nunca desistir.

A meu pai Arthur Araujo, meu irmão, Arlyson, e sua família, minhas tias Sandra, Joana, Joelma, Socorro, e meus tios Joel e Aureo. Também aos meus primos(as) Jacqueline, Izabelle, Vitória, Joelzinho, Alessandra, por todo amor, carinho e dedicação. Tudo que eu faça por vocês será pouco para retribuir tudo o que vocês fizeram por mim e por toda nossa família. Amo muito vocês.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Simei Andrade, que teve fundamental importância na construção desse trabalho, pela sua atenção, disponibilidade e carinho, dando-me todo apoio necessário. Muito Obrigada!

Aos professores do Curso de Licenciatura em dança da UFPA, que muitas vezes se tornam amigos e companheiros. Obrigado pela dedicação e pelo conhecimento partilhado.

Às crianças do SIEC, interlocutoras da pesquisa, e os seus pais, obrigada pela colaboração, sem vocês nada seria possível.

Aos meus amigos de perto e de longe, da Escola de Aplicação da UFPA, onde meu amor pela dança teve início; sem ela nada teria sentido. Ao SIEC, que permitiu a realização da pesquisa, me dando todo apoio necessário, em especial as professoras Beth, Judith, Dona Graça e Simone, que sempre estiveram ao meu lado nesse processo, com muita simplicidade, humildade e companheirismo e a todos que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação.

Com todo carinho ao meu marido, Ronaldo Silva Filho, por me proporcionar momentos de tanta felicidade ao longo desses três anos, por toda paciência e amor, a turma 2015 Sucesso e Felicidade a todos.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o processo de percepção da dança para crianças da Educação Infantil do Sistema Integrado de Educação e Cidadania (SIEC), buscando mostrar como se dá tal processo e seus aspectos significativos na vida das crianças. O referencial teórico-metodológico centrou-se numa pesquisa de abordagem qualitativa com foco na pesquisa-ação, analisando a aprendizagem da criança a partir de um entendimento de como a dança pode contribuir para o crescimento da consciência crítica dessas crianças, e como elas entendem a dança e sua importância em suas vidas. Os instrumentos de pesquisa utilizados estão embasados na ludicidade por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras contidos nas atividades de vivências rítmicas, com a utilização de materiais (pandeiros, tecido e desenhos) de brinquedos cantados. Os interlocutores do estudo foram 10 (dez) crianças, na idade de 6 anos, matriculadas no Sistema Integrado de Educação e Cidadania (SIEC). O lócus da investigação é a EEF SIEC, localizado no bairro Batista Campos, em Belém/PA. As conclusões do estudo mostraram que através da dança as crianças podem aumentar seus campos de conhecimentos, suas expressividades e sua percepção corporal, bem como se possibilita que tenham uma visão mais crítica da realidade social na qual estão inseridas.

Palavras-chave: Dança. Criança. Aprendizagem. Percepção.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the process of perception of dance for children in the Integrated System of Education and Citizenship (SIEC). The aim of this study was to show how this process of perception, its significant aspects in the children's life, is perceived. The theoretical-methodological framework focused on a qualitative research focusing on action research, analyzing the child's learning process from an understanding of how dance can contribute to the growth of critical awareness of these children and how they understand the dance and its importance in their lives. The research instruments used are based on playfulness through games, toys and games contained in the activities of rhythmic experiences, with the use of materials (chords, hula hoops, elastics, drawings, stories) of sung toys. The study partners are 10 (ten) children, at the age of 6, enrolled in the Integrated Education and Citizenship System (SIEC). The locus of the investigation is the SIF SIF, located in the Batista Campos neighborhood in Belém/PA. The findings of the study showed that through dance, children can increase their fields of knowledge, their expressiveness and their body perception, as well as enable them to have a more critical view of the social reality that is inserted.

Keywords: Dance. Kid. Learning. Perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho de uma família dançando.....	38
Figura 2 - Aula com tecido: criatividade (1)	43
Figura 3 - Aula com tecido: criatividade (2)	43
Figura 4 - Aula com tecido: improvisação de movimentos	44
Figura 5 - Atividade de improvisação com pandeiro.....	46

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ETDUFPA	Escola de Teatro e Dança da UFPA
ICA	Instituto de Ciências da Arte
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SIEC	Sistema Integrado de educação e Cidadania
UFPA	Universidade Federal do Pará
ECA	Estatuto da Criança e Adolescentes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: UM OLHAR PARA A DANÇA E MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	12
2	O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS EDUCACIONAIS BRASILEIROS	15
3	A DANÇA NO SIEC: UM ESPAÇO SENDO CONQUISTADO	19
4	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	22
4.1	Dialogando com o campo teórico	22
4.2	Método, interlocutores, objetivo e lócus da pesquisa.....	23
4.3	Dança e expressão: a criança em movimento.....	25
4.4	Dança e Infância: a relação cotidiana da criança da Educação Infantil com corpo.....	28
5	AS CRIANÇAS NO SIEC: ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO.....	34
5.1	Experimentação 1: expressando a vida.....	35
5.2	Experimentação 2: crianças e o tecido dançante	38
5.3	Experimentação 3: batidas no corpo	44
6	CONCLUSÕES DO ESTUDO	49
	REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO: UM OLHAR PARA A DANÇA E MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Desde a minha infância tive contato direto com a dança, o que contribuiu para minha formação enquanto pessoa, cidadã e profissional. No campo dos relacionamentos, foi através da dança que pude e posso expressar os meus sentimentos; foi dançando que aprendi a me conhecer mais intimamente, que melhorei minha interação com meu mundo interno e com o externo. As imagens mais marcantes que tenho de minha infância, guardadas na memória, são exatamente de quando ia dançar, pois era algo tão significativo para mim que tive a convicção que era isso que queria para a minha vida; sabia que queria experimentar as diversas sensações que a dança poderia me proporcionar.

Nessa cotidianidade, comecei a buscar conhecimentos sobre dança e aos poucos tornando a dança essencial no meu cotidiano. Tudo que tinha relação com dança me seduzia, pois sabia que através disso poderia desenvolver novas ou outras experiências, fossem na igreja, no teatro, grupo de música, na escola, nas festas ou nos projetos dos quais participava, eu sempre tinha algo a contribuir e a aprender – de modo que dançar acabou se tornando essencial em minha trajetória de vida.

Aos poucos fui percebendo que a dança tinha um lugar expressivo no campo profissional e também nos momentos de diversão, de fé, na escola, entre outros. Sendo assim, fiz-me uma vez o seguinte questionamento: além disso, o que eu sei fazer? Se eu não tivesse sido iniciada na dança desde criança, como seria? Como, através da minha trajetória de vida na dança, eu posso contribuir para a formação de crianças?

Foi então que busquei me engajar no mercado de trabalho para vivenciar experiências com crianças na educação, sobretudo, na etapa da educação infantil. Nesse novo momento, pude perceber como a dança pode ser um campo de conhecimento para a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito social nas suas dimensões social, política, cultural, econômica e religiosa, o que acabou despertando a necessidade de compreender como as crianças entendem a dança e sua importância em suas vidas, analisando como se dá essa percepção seus aspectos significativos, e o que ela tem a dizer sobre isso.

Na pesquisa, as leituras que referendam a análise evidenciam que muito se fala sobre a dança e a criança, mas sempre partindo de uma narrativa adulta (pais, professores, tios, padrinhos e etc.). Pouco se ouve a voz da criança falando sobre suas experiências e vivências. Sobre esse aspecto, Qvortrup (1999 apud MARTINS, 2010, p. 5) assevera que as crianças não são consideradas como atores sociais nas pesquisas, na medida em que

Contextualizando historicamente os procedimentos teórico-metodológicos de pesquisas com a infância, percebemos que as crianças não foram consultadas, olhadas, ouvidas e muito menos consideradas. Na história da humanidade, as crianças não foram estudadas por seu próprio mérito.

Assim entende-se que devemos ter um olhar mais atencioso para as crianças e mais respeitoso sobre aquilo que elas dizem. Suas falas, quando consideradas, podem contribuir com as pesquisas em dança ou em qualquer campo de conhecimento.

Acredito que essa pesquisa será de grande valia para o futuro da educação infantil e dos professores que nela atuam, uma vez que precisamos cada vez mais fundamentar e firmar nosso conhecimento na sociedade nas pesquisas acadêmicas e nas nossas vivências pessoais. Foi justamente para contribuir com a disseminação desse campo que resolvi fazer essa pesquisa objetivando analisar como se dá esse processo de descoberta da dança para crianças da educação infantil do SIEC, pois ali estava a minha realidade – e ali sim pude perceber a necessidade de pesquisas que venham a fortalecer a expansão na sociedade de que a dança é uma importante área de conhecimento, que pode ampliar a visão de mundo das crianças.

Embora a dança seja objeto de muitas discussões no meio acadêmico quanto à sua importância sociocultural, ela ainda está muito ligada a algum tipo de culminância, principalmente no contexto educacional, geralmente com a finalidade de uma montagem coreográfica, uma mostra cultural ou uma data comemorativa, que deve ser organizada pelo professor para atender a uma determinada exigência das escolas com relação ao calendário escolar.

Neste sentido, o desafio foi olhar a dança sobre outro prisma, o de professor-pesquisador-artista, que busca compreender a dança como a arte da vida, como aquela que não necessita de momentos para existir, mas pode estar presente no

cotidiano do ser humano, especialmente das crianças, como parte de sua formação cidadã.

2 O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS EDUCACIONAIS BRASILEIROS

Em 1995, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) inicia o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹. Destaco essas produções em virtude de sua importância na orientação de caminhos metodológicos para todas as áreas de conhecimento das etapas que compõem hoje a educação básica. Nesta continuidade, o *PCN Arte – Ensino Fundamental*, publicado em 1997, destaca as quatro linguagens (artes visuais, teatro, música e dança) como

[...] um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (BRASIL, 1997, p.15).

Nesses termos, a dança é concebida como atividade educativa, recreativa e criativa. Também possibilita a construção do conhecimento que se dá em contexto lúdico: brincando, dançando, pulando, entre outros. Ainda de acordo com o *PCN Arte*, os principais objetivos da dança seriam

Valorizar reconhecimento e desenvolvimento da expressão, observação e reconhecimento dos movimentos dos corpos presentes no meio circundante, distinguindo as qualidades de movimento e as combinações das características individuais (BRASIL, 1997, p. 51).

Observa-se nesses preceitos a possibilidade de as crianças desenvolverem a capacidade de realizar outras e ou novas descobertas, que deem a elas instrumentos para se comunicar com o mundo e expressar seus sentimentos, seus contentamentos e descontentamentos, ajudando a desenvolver sua consciência crítica sobre os mais diversos assuntos, principalmente sobre o corpo, a percepção

¹ São diretrizes elaboradas pelo governo federal, para orientar educadores, por meio da normatização de alguns fatores fundamentais condizentes a cada disciplina. Eles abrangem as redes públicas e privadas de ensino. Seu objetivo é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Não são obrigatórios, mas servem como norteadores para professores, coordenadores e diretores (BRASIL, 1997).

corporal e as suas formas de comunicação, com as dimensões da vida dos atores sociais. Neste sentido, Lima (2011, p. 21) discorre que

Portanto, podemos concluir que na educação infantil, devemos ter a possibilidade de trabalhar a expressão corporal com nossos alunos, visto que a exploração do corpo e a comunicação através do mesmo são de fundamental importância para um desenvolvimento de todas nossas potencialidades [...].

Partindo desse pensamento, a precocidade no contato com a dança faz toda a diferença para uma aprendizagem significativa e coerente ao longo do desenvolvimento da criança. Nessa lógica, Ossoona (1988, p. 18) esclarece que “a dança é uma disciplina que se deve começar quando se é bem pequeno, sobretudo quando os dotes físicos não são excepcionais”, pois a criança tem uma enorme necessidade de sempre estar se lançando em novas experiências e aprendizagens, já que na infância elas possuem movimentações diversificadas e criativas sem se preocupar com estética, o que aumenta o desenvolvimento e suas habilidades corporais. Visando a isso, a sua implementação nas escolas como disciplina se faz necessária e urgente. Lima e Frota (2007, p. 138), considerando a importância da dança no contexto escolar, salientam que

[...] o uso da dança na sala de aula não se aplica com o intuito somente de proporcionar as vivências corporais e diminuir as tensões decorrentes de esforços intelectuais. Na medida em que favorece a criatividade, proporciona contribuições no processo ensino-aprendizagem, integrando disciplinas, como também o desenvolvimento motor, ocasionando maior consciência do corpo, tornando o aluno um ser mais perceptivo e reflexivo, consciente de seu papel na sociedade e do mundo ao seu redor.

O que acontece em muitas escolas é a dissipação do que seria o ensino da dança, colocando-a num lugar vazio no qual as crianças dançam apenas por dançar – ou para compor as “festinhas”. Precisa-se de mais conscientização acerca do ensino da dança com uma proposta contributiva pedagogicamente, com intuito de melhorar ainda mais o processo de ensino e aprendizagem.

Seguindo essa linha, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação infantil e ensino fundamental, documento normativo, prevista na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, acentua a importância

de as crianças terem contato e vivências com experiências corporais, gestuais e de movimento, afirmando que

Com o corpo (por meio dos sentidos gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos de seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimento sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se progressivamente, conscientes, dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem (BRASIL, 2017, p.38)

A BNCC confirma ser importante a implementação precoce da Arte e suas múltiplas linguagens, pois irão desenvolver consciência corporal, emocional e crítica, que por sua vez produzirá autoconhecimento sobre seu corpo, suas sensações, suas emoções. Com a explanação de seus gestos e movimentos, passam a identificar suas diversas potencialidades, sendo orientadas a emancipar-se para a liberdade de expressão. Portanto, o Estado, por meio de suas instituições, tem a responsabilidade de promover acesso ao ensino de tais linguagens de forma criativa e respeitosa.

A LDB, em seu art. 26, § 2º, dispõe que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL 1996), ou seja, a partir da implementação da Lei nº 13.415/ 2017, que alterou este artigo da LDB, passa a ser obrigatória sua inclusão e ministração com carga horária mínima estabelecida, possibilitando ampliação do campo de conhecimento a fim de melhorar o ensino da educação infantil e ensino fundamental. No que concerne à dança, seu território ainda não foi conquistado por inteiro pois ainda é tida tanto pelos pais quanto por educadores, em sua maioria, como uma distração e não como algo relevante e fundamental ao processo de aprendizagem.

Em 2016, foi sancionada a Lei nº 1.3278, que altera o § 6º do art. 26 da LDB, referente ao ensino da arte, discorrendo que “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular”.

A Arte tem um amparo legal, mesmo sendo componente curricular, razão por que a implementação dela no currículo escolar como disciplina precisa ser objeto de

luta, tendo em vista que em sua maioria a comunidade escolar não observa o valor que a disciplina agrega ao ensino e aprendizagem da criança.

3 A DANÇA NO SIEC: UM ESPAÇO SENDO CONQUISTADO

No SIEC, a dança vem se firmando ao longo desse processo de discussão, implementação e luta por uma política educacional que compreenda a dança como área de conhecimento capaz ampliar o processo de aprendizagem, de descoberta, de desenvolvimento, possibilitando aos alunos, através da dança, “[...] conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade” (PEREIRA; CANFIELD, 2001, p. 61).

Então, a dança desenvolvida nas escolas não deve se prender apenas a técnicas, mas principalmente ao processo de descoberta e de criação do aluno, que deve ser estimulado pelo professor a sempre buscar romper as barreiras e criar novas formas de linguagem corporal, de maneira individual ou coletiva. Isso faz com amadureça o seu desenvolvimento psicomotor e passe a se permitir explorar sempre outros ou novos campos e áreas de conhecimento. O professor necessita ter a sensibilidade para entender a singularidade de cada sujeito, de cada corpo, suas diferenças, particularidades e como cada um recebe o estímulo de forma diferenciada. Sobre esse aspecto, do papel do professor, Almeida (2016, p. 16) relata que

Comecei a me interessar pela educação e a entender que toda atividade realizada na escola, mesmo no período complementar, precisa ser planejada, organizada e estar repleta de ações intencionais por parte do professor para ampliar a perspectiva de mundo das crianças. As vivências necessitam oferecer oportunidades aos pequenos e respeitar as características da faixa etária na qual se propõe a atuar, sem exclusões ou cobranças técnicas exageradas; enfim, necessitam apresentar uma visão diferenciada.

Trata-se de uma necessidade de participar ativamente das ações, partilhar, criar e recriar metodologias diferenciadas para que a dança seja ampliada de maneira que aguce a curiosidade das crianças e passe a ser vivenciada no dia a dia como algo prazeroso que corrobore para o desenvolvimento das qualidades físicas, além de “promover saúde e autoestima, podendo reaver valores sociais e humanos e ser estratégia para superar desigualdades” (LIMA; FROTA, 2007, p. 138).

Durante a pesquisa, pude observar que a dança possui dimensões humanas, sociológicas, culturais e pedagógicas, certamente podendo auxiliar na educação, infantil. Desse modo, passei a me fazer o seguinte questionamento: de que forma a percepção da dança com as crianças no SIEC pode comprovar que a dança é um elemento fundamental para sua formação?

Muitas vezes, a dança é vista por pais, professores, coordenação pedagógica como apenas uma atividade extracurricular; é comum no período de provas escolares os pais e responsáveis não permitirem que as crianças participem das aulas de dança, com a justificativa de que a mesma pode atrapalhar os estudos e concentração das crianças. Esse quadro mostra que a dança em relação a outras disciplinas é desvalorizada.

Os dados da investigação também mostram que os pais/responsáveis desejam para seus filhos formação em áreas que consideram promissoras no mercado de trabalho, e de maneira velada impedem que os alunos se aprofundem nos estudos dessa arte – o que, de certa forma, contribui para permanência de um sistema social que pouco tem valorizado a Arte e suas linguagens. Marques (2003) analisa o ensino da dança nas instituições educativas e assevera que, na era contemporânea, faz-se urgente pensar a dança sob novos paradigmas sociais, salientando que:

Neste mar de possibilidades característico da época em que estamos vivendo, talvez seja este o momento mais propício para também refletirmos criticamente sobre a função/papel da dança na escola formal, sabendo que este não é - e talvez não deva ser - o único lugar para se aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. No entanto, a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir, a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo de "festinhas de fim-de-ano" (MARQUES, 2003, p. 17).

Marques (2003) reforça que devemos lutar para reconfigurar os estereótipos atrelados à dança, não só dentro das escolas, mas também nos ambientes de convivências sociais, particulares e familiares, uma vez que tudo acaba se entrelaçando, pois a criança leva referências de cada espaço em que convive, disseminando e exercitando sua aprendizagem anunciada na sua principal referência – a expressão corporal. Nesse aspecto, os estudos de Harfy e Stokoe

(1987) me ajudaram a compreender qual a importância da expressão corporal no cotidiano das crianças e que outras conexões estabelecem:

A Expressão Corporal é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o assim, às suas outras linguagens expressivas: a fala, a escrita, o desenho (HARFY; STOKOE, 1987, p. 15).

Essa é uma visão que tive a partir da observação do comportamento de algumas alunas, confirmando que a dança produz referências na vida das crianças. O discurso delas mostra a expansão do conhecimento, o quão comunicativas elas podem ser, sendo capazes de verbalizar as contribuições da dança em suas vidas. Assim, percebo que a dança é uma maneira de emitir mensagens e o mais antigo jeito de comunicação, que pode dar base para a criança compreender melhor o mundo que a cerca. Nesse sentido, Godoy e Antunes (2010, p. 39 Apud ALMEIDA 2016 p.20) asseguram que

A dança [...] pode dar subsídios ao aluno para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre, corpo, arte e sociedade, de forma a contribuir para que os alunos tomem consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade de comunicação. Seu objetivo englobaria a sensibilização e a conscientização tanto nas posturas, nas atitudes, nos gestos, e nas ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, comunicar, criar, compartilhar, interagir na sociedade em que vivemos.

Nessa continuidade, as crianças do SIEC, conseguem absorver as atividades realizadas em sala e de modo muito próprio ressignificam as ações, praticando a dança nos diversos espaços da escola, em casa, no parquinho e nas festinhas das quais participam. Isso mostra que a dança pode dar um novo sentido ao cotidiano das crianças.

4 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

4.1 Dialogando com o campo teórico

Para dar embasamento a essa pesquisa, busco dialogar com autores que analisam a dança no contexto da educação infantil. O primeiro deles é Ossona (1998), que sopesa a importância da dança como um caminho metodológico para o desenvolvimento integral da criança, sobretudo, no processo ensino-aprendizagem. Segundo a autora, a dança como uma forma primordial de comunicação expressiva passou a ser dominada pelos grandes interesses econômicos, que hoje manipulam valores, atitudes e costumes. Assim, contrapondo-se a essa lógica estabelecida de dominação, a dança deve ser utilizada na agregação de valores para tornar os indivíduos mais comprometidos com uma sociedade mais justa, para isso devendo ser inserida na vida das crianças.

Lima (2011) profere que na educação infantil existe a possibilidade de um trabalho com as expressões corporais, o auto reconhecimento corporal, a possibilidade de interação com o mundo externo, assim como a possibilidade de exploração dos objetos e com outros seres vivos, são eixos que podem ser explorados pelos professores em salas na educação infantil. Para o autor, a dança é uma das possibilidades criativas da expressão corporal é através da exploração das capacidades criativas que podemos introduzir atividades variadas impulsionando o *fazer dança* das crianças, dando a elas possibilidades de experimentar uma relação mais íntima com a dança.

Lima e Frota (2007) em seus estudos buscam fazer um levantamento sobre quais as abordagens em dança mais usuais, como prática corporal, que preconiza o aspecto educativo. Para os autores, o uso da dança na sala de aula não se aplica somente ao intuito de proporcionar as vivências corporais e diminuir as tensões decorrentes dos esforços intelectuais. Antes, favorece a criatividade, proporciona contribuições no processo ensino-aprendizagem, integrando disciplinas como também o desenvolvimento motor, ocasionando maior consciência do corpo, tornando o aluno um ser mais perceptivo e reflexivo, consciente do seu papel na sociedade e do mundo ao seu redor.

Andrade (2013), dialogando sobre ludicidade, afirma que a aprendizagem torna-se significativa quando leva o aluno a uma compreensão do mundo que o cerca. Essa reflexão pode ser utilizada como estratégia para inserir o ensino da dança nas escolas, destacando a necessidade e a importância de estar presente nos cenários no quais os sujeitos sociais estiverem presentes.

Também destacamos, nesta pesquisa, os estudos de Godoy (2007), Laban (1978), Qvortrup (2010), Nanni (1995), que frisam a importância da expressão pelo movimento.

4.2 Método, interlocutores, objetivo e lócus da pesquisa

O estudo foi desenvolvido por meio de abordagem qualitativa baseada numa pesquisa-ação. Minayo (2001), referendando a abordagem qualitativa, assevera que ela trata de questões muito particulares relacionadas ao universo da realidade social, e nesse contexto o ser humano se distingue por agir, pensar e interpretar suas atuações dentro e a partir do fato vivido e compartilhado com seus pares. Portanto, pode possibilitar o melhor entendimento acerca da percepção da dança na vida das crianças.

Nessa continuidade, a pesquisa-ação pode ser uma ferramenta auxiliar às investigações na área da dança no contexto escolar. Para Thiollent (2008) essa pesquisa

[...] é caracterizada como um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes, representativos da situação e/ou do problema, estão envolvidos de forma cooperativa e participativa (THIOLLENT, 2008, p. 14).

Através da pesquisa-ação, há possibilidades de expandir os conhecimentos tanto dos investigados quanto do investigador, agregando e possibilitando um alargamento da análise. Esse tipo de pesquisa vai ater-se à ação desenvolvida a partir de um determinado estímulo, visando a analisar como as crianças responderão a eles.

Os instrumentos de coleta e análise dos dados foram: desenhos, jogos dançantes, jogos de imitação, jogos de grupos, jogos de improvisação, brinquedos

rítmicos, atividades de força. Atividades com saltos, equilíbrios, piruetas, atividades com materiais (desenhos, pandeiros, bambolês), tudo desenvolvido numa perspectiva lúdica.

Na atividade com desenho, as crianças o usam como estímulo para expressarem o que sentem, partindo de um incentivo que utilizo, transformando-o em movimento. A atividade com tecido serve aguçar a criatividade de explorar o movimento, pois têm que interagir com um material, fazendo com que o mesmo faça parte do movimento como um todo. A atividade com pandeiro, por sua vez, é uma atividade rítmica dançante para aperfeiçoamento do entendimento do ritmo pelas crianças de uma forma lúdica.

O corpus de análise da investigação teve a seguinte dinâmica: analisar o desenvolvimento dos sujeitos ao longo das atividades propostas; observar sua evolução a cada atividade aplicada e reavaliada; perceber a aceitação dos sujeitos quanto às atividades; escutar os sujeitos; incentivar as crianças a verbalizar acerca das atividades; e propor que as mesmas falassem como se sentiam quando participavam das aulas de expressão corporal. Os registros foram feitos ao longo do desenvolvimento das atividades, a fim de garantir a precisão das anotações e para que não se perdesse nenhum dado ou fato.

O estudo foi desenvolvido ao longo de 3 (três) meses e teve como objetivo geral analisar a percepção da dança na vida de crianças de seis anos no SIEC – com que olhar elas percebem essa chegada da dança em suas vidas, como podemos perceber sua contribuição na formação e desenvolvimento delas a partir desse contato com a dança. Como objetivos específicos: a) identificar a dança e sua relação no cotidiano das crianças do SIEC; e b) investigar que percepção de dança está contida nas expressões das crianças.

Os interlocutores da pesquisa foram 10 (dez) crianças de seis anos, do sexo feminino, matriculadas na educação infantil do SIEC, da qual sou professora de dança. Minha opção por este grupo de crianças se justifica na medida em que, estando com elas pelos menos três dias na semana, tenho condições de acompanhá-las e observar seus movimentos, interações, desenvolvimento de sua expressividade e linguagem. Nesse sentido, Piaget (apud LIMA, 2011 p. 25) considera que “[...] a criança entre 4 e 6 anos está na fase denominada pré-operatória, onde há o surgimento da linguagem e do símbolo e o egocentrismo é

bastante forte”. Significa que, nesta fase, a criança tem a capacidade de substituir um objeto ou um fato por uma representação, isso é possível por meio da função simbólica. A criança já consegue fazer a diferença entre a imagem, palavra ou símbolo, daquilo que de fato ele representa, mesmo que o objeto não esteja próximo a ele (ANDRADE, 2013).

Na fase pré-operatória, a criança pula, corre, anda, grita, fala o que colabora na sua aprendizagem, dando-se a ela condições de explorar o ambiente, usando movimentos diversificados e percepções intuitivas.

A pesquisa foi realizada no Sistema Integrado de Educação e Cidadania, em escola de educação infantil e ensino fundamental (anos iniciais e finais), localizada na rua dos Tamoios, bairro Batista Campos. Fundada em 1979, tem como missão semear valores importantes na formação educacional do “ser cidadão”, como relações éticas afetivas e cooperativas.

4.3 Dança e expressão: a criança em movimento

Existem muito conceitos sobre dança, autores como Nanni (1995) e Laban (1978) definem-na como expressão, outros, como Mendes (1987) e Garaudy (1980), tratam-na como movimento, e Portinari (1985), como comunicação. Nestes termos, compreendemos que a dança se encontra atrelada a diversos campos do universo da criança.

Para Mendes (1987), a dança é composta por movimentos e gestos, dentro de um ritmo, fator importante e indispensável para que a atividade seja considerada como dança. Atrelando a dança ao ato de deslocar, mexer, o que é muito comum no cotidiano das crianças, haja vista que elas estão em movimento a todo tempo e que esses movimentos podem ser utilizados no momento em que alguma atividade de dança venha a ser introduzida, juntando os movimentos do cotidiano a um trabalho ritmado, como citado pelo autor.

Comungando da ideia de Mendes, Garaudy (1980, p. 14) aponta que “dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses”. Neste sentido, Garaudy (1980), mostra a importância da dança para a vivência do homem,

sobretudo, para as crianças, o que vai contribuir para explicar suas concepções e ideias ao longo do seu desenvolvimento.

Nessa continuidade, Nanni (1995, p. 1) destaca que a “Dança é a expressão da harmonia universal em movimento”, igualando-se à ideia de Bejart (1980 apud GARAUDY, 1980, p. 8), para quem “a dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração”, confirmando o quanto a dança é importante na formação do sujeito social.

Ainda seguindo esse pensamento de que a dança é uma atividade humana, portanto, adentra várias dimensões da vida das crianças, Portinari (1985 Apud SILVA; SCHWARTZ 1999, p. 168), destaca que a dança é uma comunicação, dispensando jogo de palavras, afirmando então que crianças que tenham dificuldade de verbalizar podem encontrar na dança uma forma de se fazer entender.

Também a dança pode ser considerada uma forma de desenvolvimento criativo, artístico e social, podendo ser exercida de forma coletiva ou pessoal, tendo como base as múltiplas possibilidades de expressões corporais a quais os corpos possam vir a ser submetidos, sendo ela sujeita a sofrer ou não influências de algo ou alguém. Garaudy (1980 p. 13), explicita diversas competências para dança, dizendo que a “dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver”, e que a “dança é um modo de existir”, no qual se interligam aspectos da vida cotidiana como, religião, trabalho, festas, morte e amor.

Assim, Harfy e Stokoe (1987 Apud SILVA; SCHWARTZ 1999, p. 169) consideram que “a dança é então um modo total de viver o mundo”, e que “em cada indivíduo, existe a necessidade de poder se expressar tal como é, de forma que esta expressão possa ser compreendida por ele e por outras pessoas”, fortalecendo a ideia que na dança a criança pode encontrar formas de expressar-se como se vê diante do mundo, usufruindo de todas as vivências que lhe são propostas.

Para Laban (1987 Apud SILVA; SCHWARTZ 1999, p.169), “a dança é um dos meios através do qual todos os povos expressam sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens.” Diante de tais afirmativas, surge o indicativo que a dança é a forma de a criança se expressar, seja através de sua criatividade seja de posicionamento social, diante dos acontecimentos rotineiros. Ou para expressar seus medos, aflições, suas emoções, suas alegrias, realizações e suas intenções.

Assim, entendo que a criança vem cada vez mais se firmando diante da sociedade como sujeito social, aquele que diz de si, do mundo que o cerca e das novas experiências que lhes são propostas. A criança vive intensamente e está sempre em busca de novas descobertas, buscando ultrapassar os obstáculos que lhe serão impostos.

Sobre a categoria geracional infância e seus sujeitos sociais, Qvortrup (1999) assevera que as crianças estão presentes em diferentes contextos, vivem a partir de seus modos de vida, as suas culturas, a religiosidade, a família, entre outros, que se caracterizam por experiências que ocorrem em seus espaços. Então, diante das experiências vividas pelas crianças, posso inferir que ao falar de infância seria mais harmonioso tratar o termo com a pluralidade diante das adversidades a qual a criança está submetida, uma vez que estão vivenciando ambientes diferentes, de forma que singularizar a infância passa a ser totalmente incoerente, como referenda Sarmiento (2007, p.29) ao discorrer que

[...] no interior do mesmo espaço cultural, a variação das concepções da infância é fundada em variáveis como a classe social, o grupo de pertença étnica ou nacional, a religião predominante, o nível de instrução da população [...] (SARMENTO 2007 p. 29).

O modo de compreender a criança vem se modificando ao longo dos anos, passando por um progresso, uma ascensão observada nas literaturas voltadas ao ensino da Educação Infantil, quanto na legislação brasileira². Nesta continuidade, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) trouxeram uma definição específica sobre o conceito de criança. Segundo este documento,

² LDB- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior).

³ECA-Desde a sua criação, em 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente é de referência mundial como legislação destinada a proteger a juventude. Fruto de um extraordinário processo de mobilização social e política, que envolveu representantes do Legislativo, do mundo jurídico e do movimento social, este ordenamento legal adota a chamada Doutrina da Proteção Integral, concepção que é a base da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989.

⁴PNE- Portadores de necessidades especiais, lei de cotas – 8.313 de 91, inclusão, currículos, empregos, vagas, lei contratação, deficientes, pessoas com deficiência, mercado de trabalho e assegura multa as empresas que não cumprirem a lei de cotas 8213.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. [...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998, p. 21).

Então, podemos compreender que a forma como a criança vem sendo percebida mostra como o olhar sobre ela vem se aprofundando e se ampliando a fim tanto de tentar compreendê-la como ator social quanto de buscar proporcionar o entendimento sobre a criança, conforme observado no Parecer MEC/CEB nº 20/2009, que destaca que a criança,

[...] é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adulto e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.7).

Nessa perspectiva, a criança é esse ser social capaz de construir e reconstruir a cultura, tendo opinião e autonomia, destemida e corajosa diante da possibilidade de mostrar seus desejos e de manifestar interesses; é curiosa, chama atenção, quer tomar para si a possibilidade de ser consultada sobre os mais diversos assuntos e deseja participar de forma ativa dos assuntos que cercam o meio em que vive, além de contribuir ativamente, por meio de suas ações, na comunidade em que está inserida.

4.4 Dança e Infância: a relação cotidiana da criança da Educação Infantil com corpo

A Dança tem relação com o cotidiano das crianças uma vez que influencia diretamente no seu dia a dia, o que se observa no desenvolvimento motor por meio das atividades e as brincadeiras que desenvolvem com agilidade e destreza. O

desenvolvimento motor possibilita as constantes progressões da criança, oportunizando aperfeiçoamentos e descobertas de novos caminhos.

O cotidiano escolar é um ambiente privilegiado para acompanhar o desenvolvimento das crianças, intervir e contribuir com eles em suas ações, que envolvem o corpo na sua totalidade. Como observado por Almeida (2016), ao discorrer que,

O corpo não é um dado dispensável no processo educacional. Pelo contrário, o corpo é um meio de interação e exploração dos objetos, do entorno do outro e de si; até porque é por meio do movimento que as crianças interagem com o mundo e com as pessoas, se expressam, se comunicam, experimentam, criam e descobrem. Tais ações podem produzir conhecimentos como preferências de movimentos, noções de tamanho, peso distância e forma, a dinâmica da sociedade em que estão inseridos, entre outros. Dessa maneira o corpo não pode ser abandonado à passividade, principalmente na escola (ALMEIDA, 2016, p. 16).

Assim, o mais importante não é convencer a criança a dançar por dançar ou a dançar para a “festinha de fim de ano”, mas incentivá-la a reconhecer a dança como importante para sua formação educacional, social e cultural. Fazê-la valorizar, estar sensível à introdução dessa linguagem em sua vida cotidiana e compreender as influências da Arte na forma como vivencia o cotidiano pessoal e escolar. Na verdade, a criança nem precisa verbalizar essa compreensão, pois vamos percebendo sua evolução natural e como elas demonstram em suas ações diárias as mudanças comportamentais, corporais, psicológicas e cognitivas.

As transformações ao longo do amadurecimento da criança vão sendo percebidas junto com os avanços alcançados por ela. Isso ocorre, sobretudo, a partir das atividades propostas na educação infantil, que em grande parte, envolvem o corpo com suas várias possibilidades de expressão, oportunizando a criança a construção da identidade e do conhecimento do mundo que a cerca. Neste sentido, Bertherat e Bernstein (1977, p. 45) comentam que “o corpo é a casa onde moramos, paredes recebem e registram experiências vividas”. Desse modo, nossos sentimentos e vivências vão sendo registrados nesse corpo.

É então que se percebe a importância da vivência da criança na dança, uma vez que essas experiências com a Arte proporcionarão a ela aprendizado e entendimento sobre vários aspectos emocionais e sociais, despertando-a a

compreender melhor suas emoções, de forma que seja respeitado o nível de entendimento, coerente ao que possa estar vivenciando tanto nos momentos das aulas de dança, quanto nas suas interações cotidianas, em casa, na igreja ou em outros lugares.

Partindo do pressuposto de que vivenciar é exatamente esse processo de conhecimento que vivemos ao longo da vida, o fato de a criança poder experimentar dançar vai de alguma forma marcar sua trajetória de crescimento e engrandecer o campo de aprendizagem. Tendo em vista que a vivência na dança também despertará a necessidade de buscar cada vez mais experiências a serem vividas e experimentadas, para Vigotsky ([1916]1999), “é possível perceber que a vivência pode estender-se ao passado e ao futuro da existência humana, presentificando elementos importantes na orientação das ações humanas”.

As vivências das crianças vão expandindo seus conhecimentos, razão por que Toassa e Souza (2010, p. 761) consideram que o termo “vivência” também é um processo básico da vida humana, sendo acontecimento profundo na existência da pessoa real ou do personagem na arte. É preciso que os educadores estejam sensíveis às vivências das crianças, afim de não interromper esse processo de crescimento e reconhecimento infantil.

Na educação infantil, as ações, quando inseridas de forma lúdica, tornam-se prazerosas, ajudando na apreensão dos temas introduzidos. É estimulando-as a aprender brincando que se expande a liberdade de expressão no âmbito social, culturas, familiar e escolar.

Nesse contexto, a dança como linguagem artística expressa, por meio do movimento, todos os tipos de vivências, ampliando o grau de conhecimento da criança, seja corporal seja intelectual, ampliando também suas experiências corporais, pessoais e óptica de mundo. Então, é nessa perspectiva que Godoy (2007 apud ALMEIDA, 2016, p. 20) salienta a importância da prática de dança nas escolas, tendo em vista que a criança deve

Entender melhor como seu corpo funciona, para que possa usá-lo expressivamente com inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. Essa linguagem é uma forma de integração e expressão individual e coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. Como atividade lúdica permite a experimentação e a criação no exercício da espontaneidade.

Diante desses aspectos, torna-se imprescindível a presença da dança no ambiente escolar, principalmente na educação infantil, que servirá de estrutura para a formação de vida do cidadão, com ênfase em uma dança que respeite o ritmo da criança, que agregue ao ensino da dança o movimento expressivo, que vise à troca de experiência e frise a importância de cada nova descoberta para a ampliação de conhecimento sobre si e sobre o mundo que habita – ressaltando a importância do movimento humano não só como uma ação do corpo, mas como uma forma de estabelecer uma comunicação da criança com o mundo. Neste sentido Godoy (2007 apud ALMEIDA, 2016, p. 30) assevera que

A dança, recria os movimentos, sensibilizando a criança para o valor expressivo de seus gestos,. É também uma importante fonte de prazer, autoconhecimento de sociabilidade, promovendo a construção de novas possibilidades expressivas e o aperfeiçoamento dos gestos, uma vez trabalhados de modo intencional na dança. Por meio dela, a criança enriquece seu potencial expressivo conforme aprende a explorar movimentos leves ou fortes, rápidos ou lentos, percorrendo diferentes áreas do espaço, sozinha ou interagindo com parceiros a partir de uma música, imagens ou outro estímulo. Ela pode, progressivamente, utilizar o corpo como fonte de investigação criativa do mundo e de si mesma, de suas ideias e emoções, explorando as formas de expressão corporal presentes no seu grupo social e em outros grupos.

Assim, atribuir ao ensino da dança um papel de destaque no desenvolvimento expressivo da criança passa a se perpetuar e se firmar no fazer dança como área de conhecimento e desenvolvimento do ser cidadão. Nesse aspecto, devemos pensar no ensino da dança na educação infantil como tendo um papel de comunicação, exploração e de expressividade. Ressaltando que se deve evitar a introdução de músicas e ações estereotipadas e ou sensualizadas, que na maioria das vezes não dialogam com a realidade da criança.

Ainda nesse contexto, a elaboração de coreografias deve ser realizada junto com as crianças, incentivando-as assim à participação no processo de criação, o que possibilita a construção de sua própria dança, sendo processo transformador para o desenvolvimento da criança, dando a ela a oportunidade de criar.

Nesse sentido, Almeida (2016, p. 34), referindo-se ao RCNEI, atenta que a vivência da dança pelas crianças não pode estar determinada pela marcação e definição de coreografias feitas pelos adultos, pois, se “considerada uma atividade técnica e passos pré-determinados relacionados a cada estilo – o que acontece

frequentemente –, a dança se torna uma prática inadequada para a faixa etária” (VIEIRA; TEIXEIRA, 2010 p. 3 apud ALMEIDA, 2016 p. 35) dos alunos da educação infantil.

A dança na educação infantil deve estimular a descoberta de movimentos e não a prática de movimentos padronizados; a improvisação e não a repetição de movimentos pré-estabelecidos. De modo que a dança deve oportunizar a criança a imaginação, a criatividade e expressão, a liberdade de se libertar e poder partilhar seus autoconhecimentos, brincar com as possibilidades do seu corpo. As crianças são curiosas, ativas, intensas, e têm a pluralidade como uma marca registrada, conseguindo interagir com situações diversas e pessoas, sendo então seres múltiplos

O acúmulo de saberes e informações contribui para o amadurecimento das vivências das crianças nas suas várias dimensões. Na dança, o estudo mostrou que elas evoluem, sobretudo, na sua capacidade expressiva, de sociabilidade e cognitiva (CARNEIRO, 2009 apud ALMEIDA, 2016, p.38).

A prática em dança possibilita a formação de um conjunto de interações que as crianças estabelecem entre si e com o outro, muito bem observadas através de cooperação, brincadeiras, confronto ou consenso. É nessas interações que elas aprendem a se posicionar diante das situações cotidianas, a compartilhar suas experiências, a se permitir ao novo, a se colocar nos diferentes lugares sociais, sensibilizam-se e deixam aflorar os mais diversos sentimentos. Nesses termos Almeida (2016) salienta que

As interações sociais também favorecem a internalização das regras, a sensibilidade ao ponto de vista do outro e o desenvolvimento de uma variedade de formas de comunicação para compreender os seus sentimentos e os dos demais [...] (ALMEIDA 2016, p. 60).

Tendo como base a grande capacidade de desenvolvimento da expressividade que a dança proporciona, é necessário que ela seja desenvolvida com destreza, utilizando estrategicamente vivências baseadas na improvisação, na criatividade e na ludicidade, o que possibilita às crianças explorar seus movimentos, sem que tenham algum tipo de estética estabelecida. Pensar a dança no contexto da educação infantil é pensar na criança como ser integral em movimento.

O improviso nas vivências das crianças em dança se constitui-se em uma ferramenta de estímulo, na medida em que improvisar é compor, criar e produzir. Estimular a improvisação acarreta um fazer natural, sem preocupação prévia – é simplesmente sentir e expressar o que se está sentindo, como referenda Almeida (2016), ao considerar

A possibilidade da expressão pessoal que a improvisação carrega oportuniza a ampliação das capacidades comunicativas do indivíduo e a compreensão e sensibilização da expressividade facial e corporal do outro, ações importantes para a promoção da interação social. Ademais, a improvisação traz o estilo de cada um e pode contribuir para a diferenciação eu-outro na educação infantil (ALMEIDA, 2016, p. 69).

Sendo assim, a improvisação na dança foge da prática do ensino e aprendizagem pré-estabelecidos, e acarreta o desenvolvimento da personalidade da criança, tendo em vista que ela escolhe os movimentos que serão realizados, trazendo para a sua dança as suas características corporais juntamente com o conjunto de influências por ela vivenciado. Vilas Boas (2012), em seus estudos sobre improvisação, assevera que

[...] o processo de aprendizado de dança a partir da improvisação é uma maneira de proporcionar à criança um conhecimento em dança em que seus conhecimentos prévios, sua estrutura corporal e seus desejos são observados e respeitados. Desse modo, a criança participa de forma ativa da construção do seu conhecimento em dança por meio da investigação de movimentos, sem que existam padrões específicos a serem perseguidos (VILAS BOAS, 2012, p. 68).

As vivências em dança podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento da criança, pois sendo um tipo de linguagem, dá a elas ferramentas para entender a si mesmas, umas às outras e o mundo que as cerca, além de dar consciência corporal, espacial e aumento da capacidade criativa.

5 AS CRIANÇAS NO SIEC: ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Esta seção tem como objetivo analisar o que as crianças de seis anos, matriculadas no SIEC, dizem sobre a dança que vivenciam nesse espaço educativo. O estudo foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa focada em uma pesquisa de campo, tendo como instrumentos de coleta de dados a observação, com anotações feitas no diário de bordo a partir das atividades desenvolvidas nas aulas de dança, de desenhos, das improvisações realizadas dentro e fora da sala de aula, além das conversas informais com as crianças e responsáveis (pais, avós, tios). Nesse sentido, meu olhar, de professora, focou na percepção delas sobre a dança, ou seja, que compreensão elas exprimem sobre o corpo em movimento.

Os instrumentos de pesquisa possibilitaram reflexões sobre as experiências em dança vivenciadas pelas crianças. As aulas foram ministradas por mim e realizadas com 10 (dez) crianças de seis anos de idade. A investigação foi desenvolvida no ano de 2018, no período de agosto a outubro, quando tivemos dois encontros a cada semana, com a duração de 1h cada, dividida em 50 minutos para desenvolver as atividades (acolhimento, aquecimento e experimentações) e 10 minutos para uma roda de conversa, possibilitando às crianças dizer sobre as experiências vividas no decorrer da aula. As crianças se expressavam através de oralidade, desenhos e improvisações.

Das atividades desenvolvidas, 3 (três) delas chamaram minha atenção, dos responsáveis e de outros professores do SIEC, pois foram as atividades com que as crianças mais se envolveram e deram continuação em outros espaços da escola, de suas casas e até na via pública quando retornavam para suas residências, conforme relatos feitos pelos adultos nas conversas informais. As experimentações vivenciadas pelo grupo serviram de base para as análises que passaremos a desenvolver nesta seção, ressaltando que, conforme o plano de aula, as atividades eram organizadas para serem desenvolvidas em duas aulas, podendo ser estendidas, dependendo da necessidade do grupo de crianças ou da apreensão dos conhecimentos que estavam sendo trabalhados.

5.1 Experimentação 1: expressando a vida

A primeira experimentação ocorreu nos dias 7 e 9 de agosto de 2018, no horário da tarde. As crianças foram recepcionadas, por mim, que as orientei a tirar os sapatos e a sentar em círculo. Após esse momento de acolhida, sentei-me com elas e iniciei um momento de conversa, quando perguntei sobre as férias (o que fizeram? Com quem estiveram? Onde estiveram? O que mais gostaram? Sentiram saudades de estarem na sala de expressão corporal?). Nesse momento, iniciou-se um alvoroço na sala, pois todas queriam falar e contar suas histórias. Precisei ouvir atentamente à narrativa de cada uma delas, pois percebi que, se deixasse de ouvir alguma delas, isso causaria decepção e perda de interesse na atividade.

A roda de conversa com as crianças foi de grande valia para meu estudo, pois cada palavra dita serviu de incentivo para prosseguir. Nesse momento, um relato que me marcou muito foi de uma menina, que disse que a irmã brincou de ser eu com ela e foi essa brincadeira que a fez sentir vontade de fazer aula de dança. Outra também pontuava que queria que as férias acabassem logo para estar ali comigo. Ouvi também que sentiram saudades da escola, dos professores e da tia “Naná”.

Essas declarações enfatizaram o quão envolvidas as crianças encontravam-se com a prática de expressão corporal, sobre esse aspecto Andrade et al (2012, p. 39) discorrem que “diante dessa declaração, percebe-se que quando a criança está envolvida na história ela é levada pela emoção pelo prazer. É contagiada pela alegria [...]”.

Pude perceber que de alguma forma as aulas de dança influenciavam no seu discurso. Após esse momento de diálogo com as crianças, entreguei a elas papel e giz de cera, pedindo que desenhassem algo que tivesse marcado suas férias. Elas poderiam fazer quantos desenhos achassem necessários. Vi no desenho uma forma de expressão comum às crianças da educação infantil, um instrumento capaz de integrar o grupo de maneira que se sentissem à vontade e seguras.

O desenho como forma de expressão possibilita variadas sensações, emoções e sentimentos, tendo em vista que muitas vezes as crianças não conseguem verbalizar tudo aquilo que desejam ou talvez não tenham ainda atingido um grau de maturidade para expressar seus anseios. Se valer dessa estratégia pode

ser uma forma de compreender o universo infantil a partir de suas próprias visões de mundo, como anuncia Silva (2010, p. 451) a respeito da interpretação do desenho:

Interpretar o desenho de uma criança é explicar o que está obscuro, traduzindo-o numa linguagem compreensível, extraindo do desenho um sentido oculto – tanto ao entendimento da criança quanto dos adultos que a cercam-, transcrevendo este sentido latente para uma linguagem verbal. O desenho é o método mais eloquente, imediato e de mais simples execução para investigar traços de humor, de comportamento e de caráter de uma criança, assim como seus conflitos intranspícuos, suprimindo dessa maneira, sua dificuldade em falar de si mesma e expor seus problemas.

Utilizei o desenho como instrumento, estimulando as crianças a desenharem suas vidas com movimentos corporais, explorando sua criatividade e capacidade de entender que é possível se expressar de diversas formas, e que a dança pode contribuir para o processo de expressividade, que segundo Fux (1983, p. 44),

[...] devia fazer a criança descobrir que nesse espaço pode desenhar, não com um lápis e um papel, mas com o corpo tratando de inventar e utilizar a música que se impregna então de possibilidades criativas: o espaço se move com as crianças e se começa a criar com ele.

Essa foi a primeira parte da aula, a qual dei o nome de *expressando a vida*. Ao final da aula, recolhi os desenhos e pedi para que as crianças pensassem naquele desenho e, no próximo encontro, realizassem algum gesto que simbolizassem o que haviam feito.

Na segunda aula, recebi as crianças como de costume, fizemos um círculo e iniciamos nosso alongamento; movimentos circulares no pescoço, nos pulsos, nos tornozelos, sempre realizados de forma lenta. Pedi para que as crianças deitassem em posição anatômica no chão, e partimos para alongamento das demais articulações, reforçando que ativassem as articulações dentro das suas limitações.

No primeiro momento, mostrava a elas como fazer os movimentos; em seguida, observava como cada uma realizava o seu movimento. Deparei-me com um mundo de descobertas, pois, mesmo eu tendo mostrado o movimento, cada uma realizava do seu jeito, com suas características corporais e não se envergonhava de nada. Nessa continuidade, coloquei uma música de fundo e pedi que, em roda, cada uma fizesse o gesto que representaria seu desenho, com todas tendo que observar

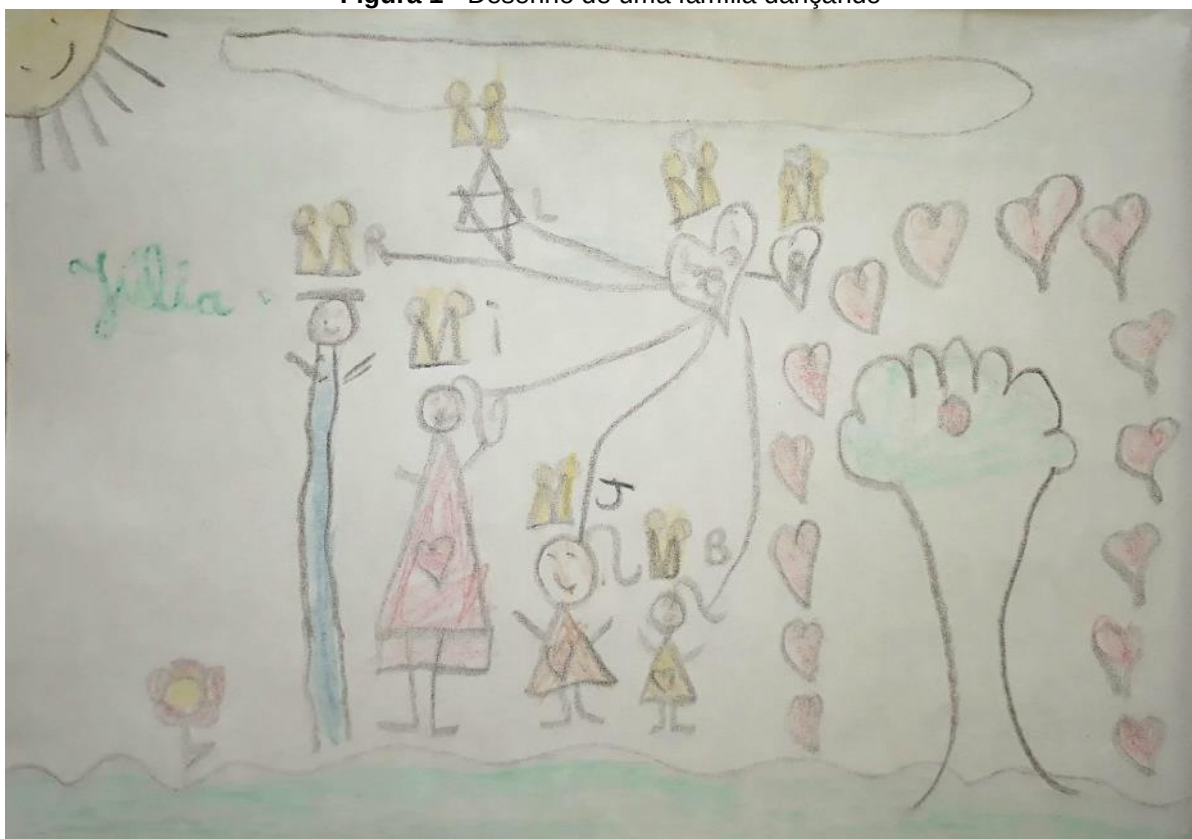
atentamente o gesto umas das outras. Após esse momento, pedi para que cada uma realizasse novamente seu gesto e todas deveriam repetir.

Observei um pouco mais das características de cada uma, como elas realizavam o mesmo gesto de uma forma diferente e como se divertiam ao realizar a atividade. Considerando a especificidade da criança e sua individualidade, Marques (2010, p. 22) afirma que existe "uma relação quase que a priori entre o corpo, a dança e a criança, também considerada espontânea, pura e livre em sua essência".

Em seguida, dividi a turma em cinco duplas; juntas elas teriam que repetir os gestos umas das outras; e por fim coloquei uma música de fundo. As duplas tiveram que repetir os gestos realizados ao longo da aula. Em nenhum momento as crianças se negaram a participar, o que deixou o trabalho alegre e divertido – o riso no rosto de cada uma, era o retrato de que a atividade estava sendo prazerosa (MARQUES, 2008).

A partir dessa perspectiva, pude analisar a sensibilidade da criança e o quanto ela se propôs a experimentar e a participar de forma ativa de atividades que visam a potencializar seu desenvolvimento expressivo e criativo. Observando o desenho abaixo, entendi o quão produtivo é o trabalho da dança, pois esse desenho expressa a imagem de sua vida, uma estrutura de forma contextualizada que reflete sua realidade. Na análise do desenho (Figura 1), a criança reproduz toda sua família dançando, momento de confraternização familiar.

Figura 1 - Desenho de uma família dançando



Fonte: Nágela Shirlene Campos da Costa, pesquisa de campo, 2018.

Nota: Júlia Guimarães (6 anos): A criança traz suas lembranças para o desenho. O momento em que mais sentia alegria era “quando ela o papai, a mamãe e a irmã estavam juntos no quintal da casa de praia, dançando” e se divertindo. Um momento que não costumam ter quando estão em casa, pois os pais trabalham muito e ela e a irmã estão repletas de atividades ao longo do dia. Ela diz que os “corações são para mostrar todo amor” que possuem um pelo outro.

5.2 Experimentação 2: crianças e o tecido dançante

A segunda atividade foi a experiência com o tecido, realizada em três aulas, nos dias 4, 6 e 11 de setembro de 2018. A esta aula dei o nome de *crianças e o tecido dançante*. Selecionei tiras de tecido de “cetim”, escolhido por ser um tecido maleável, que possibilita realizar toques e movimentos com um efeito que chama a atenção das crianças e de fácil manuseio.

Pedi às crianças que escolhessem um canto da sala onde se sentiam confortáveis, sentassem e fechassem os olhos. Em seguida, coloquei uma música bem suave ao fundo, deixei tocar por aproximadamente 50 segundos, e nesse tempo coloquei uma tira de tecido em frente à cada criança. Ainda com a música de fundo, pedi a elas que, sem abrir os olhos, tocassem no tecido. Primeiro com as pontas dos dedos, em seguida fazendo pequenos movimentos de abrir e fechar as

mãos, tocando o tecido, e aos poucos com movimentos de intensidade alternada (rápido, forte e devagar).

Em seguida solicitei que passassem o tecido pelo corpo (pés, pernas, barriga, pescoço, rosto, cabeça). A intenção era fazê-las criar uma relação com o tecido, pois seria o objeto com que desenvolveríamos movimentações. Para a compreensão dessa experimentação e forma de interação entre corpo e objeto (tecido), recorri a Marques (2008 p. 96) que esclarece que

Nessa Proposta, a articulação se dá em função do contexto a ser trabalhado com os alunos. O contexto que proponho ao contrário de ser um “objetivo a ser atingido”, ou um “tema a ser desenvolvido”, é o interlocutor das práticas artístico-educativa.

Assim que abriram os olhos, pude perceber a surpresa por estarem com o tecido nas mãos, e como elas se olhavam e repetiam “UAU!”. Em seguida, formaram duplas, que por vez passavam o tecido pelo corpo da outra. Ao término desse momento, cada dupla fazia o movimento de “serpentina” com o tecido.

Na continuidade, realizaram movimentos circulares com o tecido, explorando os níveis. Ao final dessa primeira aula, coloquei uma música e, juntas, fomos reconstruindo os movimentos elaborados desde o momento inicial de aula. Mais uma vez percebi a expressão de alegria no rosto das crianças – aquela sensação de liberdade, de espontaneidade contribuiu para que a atividade se tornasse prazerosa.

Buscando identificar como se deu a percepção da dança na vida das crianças, precisei mergulhar em seu mundo infantil. A melhor forma de viver isso foi participando da atividade com elas, atenta a todos os detalhes que emergiram no processo de construção da ação. Nessa continuidade Arce e Dácio (2007 p. 1) esclarecem que

Uma das abordagens que possibilita novas metodologias de trabalho com a dança é a dança criativa, sendo este, um conceito que visa à interação professor/aluno, onde criam juntos sua própria forma expressiva e a comunica com o mundo da dança. O professor deve ser além de educador, um intermediador do processo dança/arte, onde o prazer pelo movimento e pela interação do corpo e da mente se torna evidente, numa tentativa de fazer de um aluno, um interprete do movimento.

O segundo encontro se deu no dia 6 de setembro de 2018, com o intuito de estabelecer a concentração do grupo. Fizeram um círculo, sentaram e tornei a entregar o tecido. Ao alongamento que acontecia a cada aula, foi agregado o tecido, para melhor desenvolvimento dos exercícios propostos. Respeitando a capacidade de cada corpo, atentei-me para orientar as crianças que em momento algum poderiam deixar o tecido de lado, uma vez que ali estamos estabelecendo uma relação com o nosso objeto.

Após o alongamento solicitei às crianças que fizessem uma fila em diagonal, pois assim poderiam observar atentamente cada parceira realizando os movimentos. Uma música foi surgindo ao fundo, então requeri que imitassem ações do cotidiano (zunido de animais, fenômenos da natureza, barulho de objetos, som diversos), mas que em nenhum momento poderiam esquecer o tecido.

Primeiramente pedi para imitarem uma árvore. A cada momento a árvore passava por uma situação, como estar no meio de um furacão, por exemplo. Observei atentamente como cada uma fazia o movimento, e como seus movimentos foram estimulados através de suas vivências.

Em seguida, solicitei que mostrassem como se sentem quando os pais chamam sua atenção. Essa foi hilária, pois sem que pedisse realizaram movimentos fortes, bruscos, e podia perceber a intensidade de seus movimentos no balançar do tecido. Continuando, requisitei que imitassem um sapo, uma borboleta, um leão, visualizei que cada uma percebia os animais de uma forma. Por exemplo, todas sabem que o leão ruga, mas cada uma fez o seu leão, que foi diferenciado no toque do tecido, na forma de segurar, como elas introduziram o tecido na composição da movimentação.

A criança se sente desafiada a novas experiências; se estimulada a descobrir movimentos novos, a utilizar sua capacidade criativa, ela vai além das expectativas do adulto. Neste sentido, Laban (1990 apud ALMEIDA, 2016, p. 77) referenda que a dança no contexto educacional tem como objetivo

[...] preservar a espontaneidade do movimento, enfatizar a expressividade e integrar o conhecimento intelectual com habilidade criativa, sem padrões de movimento ou de corpo. Escolas onde se fomenta a educação artística, o que se preocupa não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre o aluno.

Fomentar a criatividade expressiva da criança a faz estabelecer uma relação constante de aprendizagem, estabelece uma visão mundo de forma ampla e agrega valores a sua formação cidadã.

Na terceira aula, dia 11 de setembro de 2018, iniciamos com alongamento em dupla, em que uma criança, usando o apoio do tecido, esticava o braço da outra, respeitando as possibilidades e limites do seu par. Assim também se fazia com as pernas, para alongamento lateral, quando as crianças seguraram o tecido com uma mão, enquanto passavam a outra por cima da cabeça.

Após alongamento, ainda em dupla, estimulei as crianças a desenvolverem determinados movimentos, pré-estabelecidos, segurando o tecido apenas com uma das mãos. A orientação foi de rolarem uma até o encontro da outra, em velocidades diferentes, que ia ditando (rápido, lento, moderado, normal). Nessa atividade foi possível observar o tempo diferente de cada criança em realizar os movimentos, a sensibilidade corporal, como elas vivenciam o movimento, e também percebi que, embora as crianças façam a mesma atividade, cada uma delas a vivencia de forma diferente. Sobre esse aspecto, Vigotsky (2010 p. 5) "determina que isso se explica porque a relação de cada uma delas para com os acontecimentos é diferente".

Segui com a atividade, solicitando que segurassem as pontas do tecido uma de frente para outra; solicitei que girassem juntas, para um lado e para o outro, girando por baixo por cima do tecido, novamente respeitando o tempo de cada dupla. Percebi como cada uma se preocupava com a outra no momento de realizar a atividade. Percebi a colaboração entre as duplas, o respeito de umas com as outras e, principalmente, a entrega ao participarem da aula de forma ativa, expressiva e representativa. A interação foi a base para que as atividades programadas tivessem êxito, isto porque é

[...] nas interações que as crianças estabelecem entre si, seja de cooperação, brincadeira, confronto ou consenso, elas aprendem a solucionar problemas, como agir, nos diferentes contextos, lugares, grupos, tipos de atividades. Essas vivências oportunizam acesso ao legado cultural e aos conhecimentos adquiridos socialmente, promovendo a compreensão do mundo e o papel dos pequenos dentro dele (ALMEIDA 2016, p. 60).

Como último momento dessa vivência com o tecido, solicitei que elas fizessem uma retrospectiva do que vimos nas três aulas com o tecido, apenas aquilo que lembravam. Observei por algum momento, em seguida as dividi em três grupos,

coloquei uma música de fundo, e pedi para improvisarem uma sequência de exercícios que as crianças denominaram de “palco”, com quantos passos desejassem – a única regra era o uso do tecido em toda a coreografia. Observei a colaboração, a responsabilidade e, principalmente, o desejo de realizar movimentos cada vez mais diferenciados, além de como elas se comunicavam para decidir que tipos de movimentos iriam realizar, compreendendo o potencial expressivo e a ampliação da comunicação entre elas e o mundo. Nessa continuidade, Almeida (2016, p. 60) destaca a importância da interação social na educação infantil:

Tendo em vista tais reflexões sobre a interação social, é importante que os encontros de dança na educação infantil promovam vivências que oportunizem a dança em duplas, trios, pequenos ou grandes grupos, possibilitando a oposição, apreciação, imitação e elaborações de ações coletivas. (ALMEIDA 2016, p. 60).

As imagens a seguir (Figuras 2, 3 e 4) mostram que, a cada gesto, a cada riso, a colaboração traçada entre as crianças fez com que o desenvolvimento do trabalho se ampliasse, de modo que o prazer de viver tais experiências estava no olhar, no sorriso, na alegria de querer fazer de novo; estava na explosão lúdica do grito, do pulo, do canto, da oralidade.

Figura 2 - Aula com tecido: criatividade (1)



Fonte: Nágela Shirlene Campos da Costa, acervo pessoal, 2018.

Figura 3 - Aula com tecido: criatividade (2)



Fonte: Nágela Shirlene Campos da Costa, acervo pessoal, 2018.

Figura 4 - Aula com tecido: improvisação de movimentos



Fonte: Nágela Shirlene Campos da Costa, acervo pessoal, 2018.

5.3 Experimentação 3: batidas no corpo

A terceira atividade foi realizada nos dias 9 e 11 de outubro de 2018. Essa atividade foi desenvolvida com pandeiro, e a ela dei o nome *batidas do corpo*, escolhido em virtude da importância do trabalho rítmico. Nesse tipo de atividade, as crianças podem desenvolver a capacidade de associação temporal na hora de executar os movimentos, elas têm seu tempo rítmico e seu modo de descobrir como apurar essa habilidade. Neste sentido, Almeida (2016, p. 99) salienta que “o ritmo faz parte da vida e da natureza: as estações do ano, o dia e a noite, o crescimento das plantas, os batimentos cardíacos, a respiração a alimentação, enfim, está em tudo que existe”.

No primeiro momento da aula, com as mãos em formato de concha, solicitei às crianças que dessem pequenas pulsadas pelo corpo, de acordo com a batida de uma música que tocava ao fundo, a fim de despertar os sentidos para o trabalho com o pandeiro. No segundo momento, fizemos a brincadeira “Escravos de Jó”, cantando a música e acompanhando o tempo rítmico de acordo com as orientações que dei a elas. A atividade foi repetida por quatro vezes; da quinta até a décima vez

pedi que fizessem a atividade sozinhas, a fim de observar nesse curto espaço de tempo o que foi introduzido ou retirado da atividade.

O estudo mostrou, mais uma vez, que as crianças têm seu tempo de aprendizagem. Vi a turma bastante envolvida em seguir as batidas de acordo com meu comando, a concentração que realizavam a cada início de frase musical mostrava o comprometimento delas com a aula, e ao mesmo tempo o riso solto a alegria que mostravam ao realizar as batidas o encantamento pelo brinquedo cantado mostrava também a necessidade de utilizar o lúdico como estratégia de aprendizagem na educação infantil, conforme esclarece Friedmann (1996 apud ANDRADE, 2013, p. 21)

É fundamental tomar consciência de que a atividade lúdica infantil fornece informações elementares a respeito da criança: suas emoções, a forma como interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico, sua formação moral.

No terceiro momento, solicitei que fizessem uma fileira e entreguei a cada uma um pandeiro. Ao receberem o instrumento, começaram a sacudi-lo umas nos ouvidos das outras; deixei-as livres por alguns instantes e fiquei apenas observando o que realizavam; a espontaneidade das crianças veio à tona nas várias ações desenvolvidas por elas. Em seguida, na mesma fileira em que se encontravam, pedi para sentarem no chão e continuei trabalhando com a música “Escravos de Jó” na seguinte dinâmica: na hora em que deveriam bater as mãos, tinham que chacoalhar o pandeiro – esse foi um momento em que tive que dar bastante atenção, pois utilizar o pandeiro foi algo totalmente inusitado, um trabalho minucioso de muita atenção no qual deviam associar as frases musicais ao tempo rítmico da música. As primeiras tentativas foram tensas, notei uma preocupação delas em atender o tempo da música. Observei que a atividade proporcionou a elas novas descobertas, estimulando o desenvolvimento de suas habilidades.

Segui para o próximo momento da aula, que ainda utilizava a mesma música e consistia em balançar o braço, sacudindo o pandeiro para um lado e para o outro. Além dos braços, começaram a movimentar o corpo, e deixei que elas realizassem livremente o exercício.

Seguindo para o próximo momento, pedi para continuarem balançando os braços, mas dessa vez, andando pela sala de forma aleatória, puderam explorar os

níveis. Durante a atividade de improvisar, a alegria no olhar a despreocupação com estéticas e a vontade com que realizavam o movimento mostrou a satisfação delas no momento de criar. Percebi que a criança “[...] também lida com o imprevisível, com a possibilidade da criação e recriação com base em seu repertório; dessa forma, pode acontecer a improvisação [...]” (ALMEIDA, 2016, p. 67), como podemos ver na imagem a seguir, com cada criança realizando seus movimentos, improvisando.

Figura 5 - Atividade de improvisação com pandeiro



Fonte: Nágela Shirlene Campos da Costa, acervo pessoal, 2018.

No último dia da terceira atividade, 11 de outubro de 2018, no primeiro momento da aula, entreguei o pandeiro e realizei uma aula de ritmos “kids”. Com músicas frenéticas, todas as coreografias foram realizadas com pandeiro, ocorrendo foi uma partilha de energia, troca de experiências com as alunas. Neste sentido, Almeida (2016, p. 106), pontua que temos o compromisso de

Despertar nas crianças o interesse pela dança como possibilidade de exploração, descoberta e jogo com o seu corpo e com o do colega, bem como de novas formas de movimentação e expressão.

No segundo momento da aula, realizamos uma roda de conversa a fim de escutar o que as crianças tinham a dizer sobre as aulas de dança, escutei atentamente ao que cada uma falava. Algumas disseram palavras, outras, frases ou

um pequeno discurso – todas falaram. Pude perceber o quanto é importante para a formação educacional, social, cultural e psicológica o ensino da dança na vida das crianças, o quanto a aprendizagem dessa linguagem faz diferença em seu dia a dia. Seguindo essa linha de pensamento, Vigotsky (2010 p. 686) mostra a importância das diferentes experiências vividas pelas crianças, pois

justamente por isso a vivência consiste num conceito que nos permite, na análise das regras do desenvolvimento do caráter, estudar o papel e a influência do meio no desenvolvimento psíquico da criança.

Durante a realização das atividades, as crianças não deixaram de ser elas mesmas: agitadas, desbravadoras, destemidas e alegres. Isso foi significativo, pois ativaram sensações, comunicação com o adulto e com seus pares. As falas que se seguem dão o tom para compreensão da importância do papel da dança para as crianças e suas percepções acerca do que vem a ser dança:

Criança 1: *Quando venho para as aulas de expressão, me sinto mais feliz. Gosto porque a tia Naná sempre faz coisas muito “loucas”, tipo dançar com pandeiro ou com uma folha de papel* (informação verbal).

Criança 2: *Eu entendo, que toda hora estamos aprendendo, seja na hora de pular ou fazer aquela atividade de “Palco”. É a que eu mais gosto!* (informação verbal).

Compreender os anseios das crianças e conduzi-las a explorar o mundo À sua volta torna o processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem mais significativo. Quando conseguimos estabelecer uma relação também com os pais e responsáveis, os adultos, facilita-se o diálogo sobre suas percepções acerca da dança na vida de seus filhos, como nos referenda Cíntia, mãe de uma aluna do grupo de interlocutores:

Na minha percepção, as aulas de expressão corporal influenciaram já no primeiro mês de aula no comportamento da Vitória. Ela passou a ter iniciativa de brincar com crianças em aniversários, parques, inclusive com mais animação e criatividade. Depois de alguns meses, percebi que, antes de fazer uma atividade escolar ou determinadas brincadeiras, ela faz uma concentração rápida, como se estivesse se aquecendo, e segue como se fosse um passo a passo. Ou seja, o senso de organização também começou a fazer

parte do seu cotidiano de forma natural e tranquila. Passou a ter muita facilidade de aprender sequências seja na matemática ou num joguinho. Também começou a interpretar melhor as músicas que cantarola ou nas próprias apresentações do colégio. A dança representa um momento de prazer na vida da Vitória! (informação verbal)³

Observei durante a pesquisa que o importante não é realizar a movimentação com perfeição, mas sempre tentar e se lançar a novas oportunidades, na medida em que essa aprendizagem acerca do movimento vem ao poucos, com paciência, com o conhecimento, com a descoberta e com a interação ao longo das aulas. Assim, percebi que as crianças, quando estimuladas, reagem de forma positiva às atividades, estão abertas a experimentar, a sentir o movimento e a descobrir novas possibilidades de vivências.

³Relato fornecido à pesquisadora durante a pesquisa. Belém: 10 out. 2018.

6 CONCLUSÕES DO ESTUDO

O estudo teve como objetivo analisar o processo de percepção da dança para crianças da Educação Infantil do Sistema Integrado de Educação e Cidadania (SIEC), buscando mostrar como se dá esse processo de percepção e seus aspectos significativos na vida das crianças.

No decorrer do desenvolvimento das atividades, observei a evolução gradativa das crianças, como elas respondiam aos estímulos e como elas percebiam a dança, o que se externava em suas falas, suas formas de agir dentro e fora da sala de aula, na interação com seus pares e na mudança de comportamentos e atitudes.

Essa pesquisa não se dedicou a encontrar verdades com respostas prontas e acabadas, mas a analisar, a partir do que dizem as crianças de 6 anos de uma escola regular, como a dança pode contribuir na formação integral do sujeito-criança, inserido numa categoria social geracional – a infância.

O desafio deste estudo foi trazer as crianças para a pesquisa, não como meros interlocutores que respondem a perguntas sem questionar, mas como atores sociais, participantes ativos na investigação, que têm todas as condições de dizer de seu mundo com propriedade, que dialogam e colocam em pauta as questões que emergem no seu dia a dia.

Outro ponto a destacar é o fato de existirem em um mesmo sistema de ensino disciplinas que valem mais do que outras. A dança, como uma linguagem da Arte, ainda é pouco valorizada. Em épocas de avaliações na escola, o índice de alunos frequentando as aulas de Arte decrescia, pois eles “precisavam estudar” para as disciplinas consideradas obrigatórias e que os reprovavam, como matemática, português, entre outras. Assim era o discurso de pais, responsáveis e de alguns professores, o que refletia no desenvolvimento do meu trabalho como professora de dança e, conseqüentemente, na falta de reconhecimento do meu papel como profissional, assim como da contribuição que a dança podia dar na formação das crianças.

Nesta continuidade, percebi que o professor de dança necessita de formação continuada, pois desenvolver o trabalho docente requer estar antenado a temáticas teóricas e práticas dessa área do conhecimento ligada à Arte, que envolve questões

em pauta na sociedade contemporânea, estudo, pesquisa e dedicação para realizar uma dança expressiva, singular.

A pesquisa-ação me deu a possibilidade de estar inserida diretamente no meu próprio campo de atuação, podendo investigar como as atividades desenvolvidas por mim contribuíram ou não para o processo ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças, a partir de uma relação direta com elas.

A investigação possibilitou um novo olhar para a dança no SIEC. Na medida em que foi anunciado à direção e também ao demais funcionários, era comum as perguntas sobre o andamento do TCC, além de a disciplina ter alcançado outra dimensão, passando a dialogar com os pais e a ser vista como um fazer social, ou seja, ela ampliou seu espaço de atuação.

Os resultados da pesquisa também mostraram que as crianças possuem diferentes formas de se manifestar e de se comunicar com o mundo por meio da dança. Ela possibilita à criança um processo de descoberta do corpo, o amadurecimento das dimensões psicológicas, ativa a criatividade, estimula a socialização e a comunicação e a expressividade, tornando-as mais próximas e sensíveis, preocupados umas com as outras, nos trabalhos em grupo, nos jogos no pátio, nas festinhas, nas relações em casa com seus familiares, na agregação de valores.

O processo de construção das atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa me permitiu analisar que as aulas de dança não necessitam de uma culminância coreográfica ao final de um período. Isso pode até ocorrer, porém, o mais importante é como esse processo ocorre, como elas recebem os estímulos, como interagem com seus pares, como o corpo na sua totalidade se relaciona com o movimento, com o espaço e com o tempo, como a dança que existe em cada criança se associa ao processo ensino-aprendizagem. Neste estudo, cada etapa era importante, tinha um objetivo, uma metodologia, um caminho a ser percorrido. Portanto, o processo das atividades tornou-se mais importante do que o resultado final do conjunto de ações desenvolvidas com as crianças.

A coleta de dados permitiu chegarmos à conclusão de que a criança encontra-se em constante processo de descoberta de si e do mundo que a cerca, por meio de atividades lúdicas (jogos, brinquedo, brincadeiras, contação de histórias e brinquedo cantado). Essa descoberta pode se dar de forma prazerosa. A

curiosidade, comum na infância, é a indutora da ampliação dos campos de conhecimentos da criança, a exemplo dos campos do movimento corporal, rítmico, oralidade, socialização, etc. Nesse sentido, cada atividade proposta às crianças expande seu domínio motor, pois sentem-se cada vez mais seguras ao explorar novas possibilidades, novas movimentações e criações.

Com base nas reflexões possibilitadas nesta pesquisa, entendo que analisar esse processo de percepção da dança para crianças no SIEC me fez entender o quão significativo se tornou o ineditismo desta pesquisa, realizada em uma escola regular de educação básica. Permitiu-me concluir que é inegável a responsabilidade que os professores de dança têm no processo ensino-aprendizagem e na formação sociopolítica das crianças.

Reconheço que não foi possível responder a todas as questões que emergiram nessa pesquisa, mas o que conseguimos analisar pode servir de inspiração para outros profissionais que também anseiam por uma educação de qualidade e comprometida com as infâncias e as crianças, sobretudo da Amazônia, de modo que a dança se torne uma marca transformadora desse grupo geracional.

REFERÊNCIAS

ARCE. C; DÁCIO. G. M. **A dança criativa e o potencial criativo: Dançando, criando e desenvolvendo.** Revista Eletrônica Aboré Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo- Edição 03/2007.

ALMEIDA, F. S. **Que dança é essa?** uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Summus, 2016.

ANDRADE. I. S. et al. A mágica arte de contar histórias. In: ANDRADE, S. S. (Org.). **Ludicidade e formação de educadores.** Belém: PPGARTES/UFGPA, 2012. P.55-83.

ANDRADE, S. S. **O lúdico na vida e na escola:** desafios metodológicos. Curitiba: Appris, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB 022/98.** Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB 020/2009.** Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base comum curricular da Educação Infantil do Conselho Nacional de Educação.** Brasília: MEC, 2017.

BERTHERAT, T; BERNSTEIN, C. **O corpo tem suas razões.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html>> Acesso 12/12/2018.

FUX, M. **Dança, experiência de vida.** São Paulo: Summus, 1983.

GARAUDY, D. **Dançar a vida.** 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GODOY, K. M. A. O espaço da dança na escola. In: KEER, D. M. (Org.). **Pedagogia cidadã:** cadernos de formação: Artes. 2. ed. São Paulo: Páginas & Letras, 2007. p. 57-70.

HARFY, R.; STOKOE, P. **Expressão corporal na pré-escola.** São Paulo: Summus, 1987.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1978

LIMA, A. A. **A dança na educação infantil**. Campinas. São Paulo, 2011.

LIMA, P. R.; FROTA, M.A. Dança-Educação para crianças do ensino público: é possível? **R. Bras. Ci e Mov.**, v. 15, n. 3, p. 137-144, 2007.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES. I. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES. I. **Ensino da dança hoje**. 5º ed. São Paulo: Cortez 2008.

MARQUES. I. **Dançando na escola**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, A. J. F.; BARBOSA, M. C. S. Metodologias de pesquisas com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n. 2, p. 5- 28, jul./dez. 2010.

MENDES, M. **A dança**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.p.21-22.

NANNI, D. **Dança e educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

OSSONA, P. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PORTINARI, M. **Nos passos da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

PEREIRA, S. R. C.; CANFIELD, M. S. Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**. Porto Alegre, n. 25, p. 1-24, 2001.

QVORTRUP, Jens **Infância e política**. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 777-792, set./dez. 2010.

SILVA, J. M. M. O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 447-456, ago. 2010.

SILVA, M; SHWARTZ, G. A expressividade na dança: visão do profissional. **Motriz**, v. 5, n. 2, p 168-177, dez. 1999.

TOASSA, G. & SOUZA, M. P. R. As vivências: questões de tradução, sentido e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. In: *Psicologia USP*, São Paulo, 2010, 21(4), 757-779. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v21n4/v21n4a07.pdf>

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v 21, n 4, p. 681-701, 2010.

V, L. S. (1999). **A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original de 1916).

VILAS BOAS, P. **A improvisação em dança**: um diálogo entre a criança e o artista professor. 116 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.